



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE ETNODESENVOLVIMENTO

JOVANILDO DO SOCORRO FERREIRA TELES

**DIVERSIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO NA COMUNIDADE RIBEIRINHA BOM JARDIM,
MUANÁ, PARÁ.**

Soure, PA

Junho, 2022

JOVANILDO DO SOCORRO FERREIRA TELES

DIVERSIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO NA COMUNIDADE RIBEIRINHA BOM JARDIM

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura e Bacharelado em Etnodesenvolvimento da Faculdade de Etnodiversidade do *Campus* Universitário de Altamira da Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Moreira Moura

Co-orientadora – Prof^a. Dr^a. Carla Giovana Souza Rocha

Soure, PA

Junho, 2022

JOVANILDO DO SOCORRO FERREIRA TELES

DIVERSIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO NA COMUNIDADE RIBEIRINHA BOM JARDIM

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito para obtenção
de grau de Licenciatura e Bacharelado em
Etnodesenvolvimento, pela Universidade
Federal do Pará.

Data de aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Gustavo Moreira Moura
Orientador – UFPA

Prof^a. Dra. Carla Giovana Souza Rocha
Co-orientadora – UFPA

Prof^a. Dra. Francilene Parente
Examinadora Interna - UFPA

Prof^a .Dra. Valéria dos Santos Moraes Ornellas
Examinadora Interna- UFPA

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha amada mãe Margarida (in memória), que já se encontra em outra dimensão, porém sinto-a perto de mim sempre. A ela, minha eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus criador, aos os meus familiares, amigos, professores e tantas outras pessoas que de alguma forma contribuíram em diversos momentos com minha formação, fazendo assim toda diferença para que pudesse chegar à conclusão deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho foi realizado na comunidade Bom Jardim, localizada no alto rio Atuí, município de Muaná, Marajó, Pará e tem como objetivo apresentar a construção do plano de ações para diversificação da produção como estratégia para aumentar a renda familiar e a soberania alimentar em comunidades ribeirinhas. Utilizaram-se como Metodologia diversas atividades dentre elas reuniões entre os participantes do Projeto; A promoção de ações de feira de trocas de saberes e de mudas, animais e sementes; Dia de campo para troca de saberes sobre novas culturas e mutirões, como estratégias de fomentar trabalhos com baixos custos. Foi realizado acompanhamento técnico às famílias para ampliação de plantas frutíferas, na intenção de diminuir o monocultivo de açaí que cresce de forma acelerada com efeitos negativos para a autonomia e segurança alimentar na comunidade. Adotou-se como embasamento Teórico a Obra de Ferrão (2006), que trata do Desenvolvimento sustentável, organização e reorganização de trabalhadores rurais do alto rio Atuí na Ilha de Marajó: exame de uma experiência. Concluiu-se que tal Projeto contribuirá para a melhoria da qualidade de vida e da organização dessa Comunidade, de modo a diversificar a produção na busca permanente e contínua do equilíbrio entre seres humanos e nossa mãe natureza.

Palavras-chave: Diversificação da produção. Troca de saberes. Mãe natureza.

Sumário

1	INTRODUÇÃO	10
2	CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	14
2.1	CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DO MUNICÍPIO DE MUANÁ	14
2.2	CONTEXTO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE MUANÁ	18
2.3	COMUNIDADE BOM JARDIM – ALTO RIO ATUÁ – MUANÁ – MARAJÓ – PARÁ .	19
3	PROBLEMÁTICA	25
4	JUSTIFICATIVA	30
5	OBJETIVOS	35
5.1	OBJETIVO GERAL	35
5.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	35
6	METAS	36
7	METODOLOGIA	36
7.1	REUNIÃO	37
7.2	AQUISIÇÃO DE MUDAS	39
7.3	A FEIRA DE TROCAS	40
7.4	MUTIRÕES	44
7.5	ACOMPANHAMENTO TÉCNICO	46
7.6	ENCONTROS E AVALIAÇÕES	46
7.7	PROJEÇÕES	48
8	CRONOGRAMA	50
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
10	REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

Trataremos sobre o Plano de Ação em curso na comunidade Bom Jardim, Muaná, Marajó-PA. Sendo este, ao mesmo tempo o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em Etnodesenvolvimento, cursado na faculdade de Etnodiversidade, da Universidade Federal do Pará, Campus de Altamira, na turma 2016, flexibilizada para o campus universitário de Soure, Marajó-PA.

Agricultor nascido no igarapé são Miguel, afluente do grande rio Atua, ainda com dois anos de idade (meu pai), sua família, na busca incessante por dias melhores, mudou-se para o centro da ilha, onde se localiza as maiores fazendas de búfalos, para trabalhar numa delas. Como ele não era muito habilidoso na lida com os animais, continuou a migrar por várias localidades, até voltar para as margens agricultáveis do rio Atua.

Porém, como nunca tivemos posse de terras, herança etc. vivíamos mudando de lugar, fazendo roças e roçados de meia¹ com os donos das terras, outros cediam a área e assim conseguíamos o sustento para a família; sempre dentro da área que compreende a comunidade Bom Jardim. Contudo, estas mudanças dificultavam a nossa vida estudantil, pois estudávamos um mês ou no máximo três e já íamos para outro lugar sem professor etc. Quem nos ensinou a soletrar as primeiras sílabas foi nossa saudosa mãe, a Sra. Margarida.

Quando completei a idade de 09 (nove) anos, meus pais se separam e conseqüentemente nós também, os quatro filhos do casal. Indo e vindo pela casa de terceiros com nosso pai, até o dia em que ele conseguira uma casa para eu ir morar e “estudar”. Na casa existia uma sala de aula em anexo. As aulas eram pela manhã, horário em que eu tinha que desenvolver muitas tarefas, na casa ou nas matas e igarapés como: encher água, fazer lenha, colher açaí, roçar e várias outras atividades próprias daquela região, impossibilitando minha presença na sala de aula, ou seja, fiz de tudo que se possa imaginar naquele lugar, menos estudar como eu tanto queria.

Os anos passaram, meu pai sumiu sem deixar contato com minha mãe, decidi sair daquela casa aos 13 anos, com a ajuda de uma pessoa que se sensibilizou com minha situação. No mesmo município, em outra localidade, com realidades parecidas sobre estudos, mas com tratamentos mais humanos, morei com aquela família até próximo aos 18 (dezoito) anos. Quando pude finalmente, reencontrar minha mãe, que naquela ocasião, já morava na cidade de Muaná.

¹ Quando o trabalhador não é o dono da área, tudo que produz ou colhe é dividido ao meio com o dono.

Ao lado de minha mãe pude frequentar a escola de forma regular até a conclusão do ensino médio, no ano de 2005. A partir daí, o desejo de ingressar numa universidade era latente, no entanto, após participar do vestibular na Universidade Federal do Pará (UFPA), vi que ainda precisava estudar muito para poder ingressar no ensino superior.

Para ajudar no sustento da nossa família, eu trabalhava durante o dia e estudava a noite, resolvi adiar meu sonho de cursar uma universidade e me dediquei a outros trabalhos tanto na igreja quanto em associações, partidos políticos e movimentos jovens. Sempre mantendo minha pertença ativa na comunidade de origem.

No ano de 2009 iniciei um trabalho na comunidade com um grupo de adolescentes e jovens num projeto que denominamos de **Música na comunidade**. Esse projeto consistia no compartilhamento dos meus conhecimentos básicos musicais, com meus pares. Em 2011 fui contratado pela secretaria de educação para trabalhar as disciplinas de artes, estudos amazônicos, e história na escola da comunidade.

No ano de 2010 fui aprovado no concurso público municipal para o cargo de Agente Comunitário de Saúde (ACS) para atuar na cidade no qual fui admitido no ano de 2012 e trabalhei até o ano de 2013. Pedi afastamento, devido ao baixo salário e a falta de dignidade para realizar a tarefa oferecida pela secretaria de saúde na época. Ainda em 2010 fui aprovado no curso técnico em Eventos e hospitalidade pelo Instituto Federal do Pará (IFPA), curso que realizei no próprio município no regime semipresencial.

Em 2013 fui aprovado no curso técnico em agropecuária, também no IFPA, no Campus de Castanhal, o qual cursei no ano de 2014, até fevereiro de 2015, ano que fui aprovado para o curso de Agronomia na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), no Campus de Capanema-PA. Neste mesmo ano fui apresentado ao curso de Etnodesenvolvimento da Faculdade de Etnodiversidade da UFPA, por uma discente da turma de 2015, da minha cidade natal.

Em maio de 2015 por falta de condições financeiras tive que desistir do curso de agronomia e voltei para o Marajó. Chegando a Muaná, fui convidado pela administração da época para trabalhar na secretaria de agricultura, dando assistência técnica na minha comunidade de pertença e adjacentes. Mudei para comunidade para morar e trabalhar. No mesmo ano, abriu o processo seletivo para a turma de Etnodesenvolvimento, me inscrevi, ajudei a divulgar no município, participei e graças a Deus fui aprovado.

A nossa turma foi flexibilizada para o campus de Soure, o que sem dúvida foi muito bom, pois pude cursar próximo de casa. Entretanto, foram muitas as dificuldades enfrentadas por nós. Além de passarmos pela dor da perda de uma das colegas que muito contribuiu com

nossa estada em seu município, com alimentos, com narrativas ricas sobre sua localidade, com sua caridade e rigor na luta por melhores condições de vida do seu grupo. É com saudades, que recordarmos os aprendizados obtidos com nossa saudosa colega/amiga Rubiane Moraes Santos Cardoso.

Nestes anos tanto dentro ou fora da universidade, tivemos a oportunidade de obter muitos conhecimentos e fazer grandes descobertas. Pois no período do Tempo universidade (TU), o relacionamento e compartilhamento dos Tempos Comunidade (TC) foram momentos de muito aprendizado. Era à primeira semana no campus, em seguida sempre houve muitas boas discussões e seminários para debatermos variados e ricos temas com os nossos colegas e professores. As aulas de campos que possibilitavam ir além dos muros da universidade, nos ajudaram a reafirmar nossa pertença encorajando-nos ainda mais para as nossas lutas do dia a dia.

Tivemos eventos dentro e fora da universidade com grandes personalidades estaduais e com estudantes de outros países, nossos colegas do campus etc. Participamos de eventos fora do Marajó como Belém +30, inclusive, neste evento, apresentei um trabalho sobre a realidade de nossa comunidade referente aos conhecimentos da natureza e a nossa intensa relação com ela, entre outros.

Prosseguimos com nossas “brigas” por melhorias no campus e nossas intervenções contra a chegada de grandes projetos irregulares nas proximidades de nossa ilha, uma vez que foram identificadas falhas gravíssimas na implantação de alguns, com chances reais de nossas comunidades tradicionais serem impactadas diretamente. Estas ações só foram possíveis pelo comprometimento do nosso professor Gustavo Moura, que nos auxiliou assim como também os demais professores, que sempre nos orientaram além dos seus conteúdos agendados pela universidade.

No exercício de nossa cidadania, escrevemos uma carta para um Deputado Federal pedindo emenda para ajudar o campus, fizemos abaixo assinado em favor de nossos mestres, pedimos audiência com Reitor, fizemos denúncias no Ministério Público; realizamos eventos que virou carta ao final das comunidades e povos tradicionais, fizemos cartografia de nossas comunidades, escrevemos livro com narrativas sobre nossos encantados, enfim, nestes quatro anos escrevemos nossa história na UFPA.

De volta à comunidade, no período de alternância para a realização do TC e para nos prepararmos financeiramente no intuito de retornarmos para a próxima etapa na universidade, cheio de ideias e muito animados, nossos trabalhos continuavam. Reuniões na comunidade para apresentar o resumo de nossos dias na faculdade, dialogar sobre as lutas iniciadas lá e

que precisam continuar no território tradicional. Dentre tantos acontecimentos ocorridos com a nossa participação neste curso, é a presença da universidade na comunidade nos nossos TC, através da visita dos nossos professores semestralmente que ficará marcada na memória de nossos pares de forma muito positiva. “Coisa nunca vista antes, um Doutor conversar com agricultor”, disse tio Chico”. Após a visita do professor Doutor Gustavo Moura em sua residência. Isto mostrou a seriedade do curso e o comprometimento com este tão importante período em que estávamos em construção de saberes.

Essa interação com nossos pares foi fundamental, para a amplitude em nossos conhecimentos sobre a nossa história enquanto grupo tradicional. Aguçando nossos olhares e percepção crítica sobre o sistema capitalista presente e transformador em nossa região. Estes têm impulsionado o agricultor ao monocultivo, ao individualismo etc. Embora a maioria já sinta a falta de uma produção mais diversificada e deste trabalho em conjunto nas propriedades, pois quando os mais velhos falam sobre suas atividades e produção diversas fica claro que a vivência em grupo era bem mais interessante.

Os mais idosos sempre recordam períodos anteriores quando havia muito que colher na localidade e até faltava mão de obra. Já os mais jovens discutem a falta de trabalho e renda na comunidade. Pois temos o açaí por um período, bacaba e bacuri por outro (estes últimos em menor quantidade) e por intervalo de 01 (um) ano. O que nos mostra o quanto precisamos continuar juntos buscando meios de enfrentamento de tais desafios na comunidade.

Numa perspectiva diferenciada de tudo que já vimos na comunidade, faz-se necessário pensarmos juntos no sentido do que queremos, do que precisamos? Temos que fazer acontecer na comunidade verdadeiramente o Etnodesenvolvimento.

Enfim, nossa missão é árdua como profissionais em uma área que devemos de fato trabalhar sendo um agente transformador dentro de nossas comunidades tradicionais, contribuindo diretamente na elaboração de projetos que venham beneficiar todo o grupo, sem esquecer da luta pela garantia de direitos dos povos tradicionais. (LOPES E SILVA, 2015)

Dessa forma, no curso de Etnodesenvolvimento a escolha do tema do TCC não é uma escolha do estudante sozinho, mas uma decisão coletiva da comunidade, pois o discente a representa na universidade. Além disso, o curso é constituído de dois importantes momentos como já citado acima, o Tempo Universidade (TU) e o Tempo Comunidade (TC). O TU que compreende o período que estamos no campus em atividades discutindo as diversas disciplinas, na troca de saberes com mestres e doutores da universidade e com outros representantes de povos e comunidades tradicionais matriculados no curso. É nestes

momentos que apresentamos nossas comunidades, vivências, lutas, sonhos, dificuldades etc. E o TC é a temporada que estamos na comunidade, onde em cada período desenvolvemos uma pesquisa tendo em vista as disciplinas do semestre seguinte. Este momento nos permite aguçar nossos olhares sobre nós mesmos, nos colocando na posição de pesquisadores e pesquisados ao mesmo tempo, o que nos possibilita novos horizontes sobre o que achávamos “normal”. É um tempo de descoberta. Quem de fato somos? Qual nosso papel? O que podemos melhorar em nossas atuações? Estes estudos realizados na comunidade são apresentados no TU, em seminários, onde compartilhamos saberes e experiências no intuito de nos fortalecer em conhecimento e ao mesmo tempo nos instrumentalizar para as lutas diárias em nossos territórios.

Trabalhar nosso plano de ação nesta temática nos permite colocar em prática nossos conhecimentos na área das ciências agrárias, contribuindo mais ainda com nosso grupo de pertença. Atualmente, nosso coletivo percebe a importância de diversificar a sua produção devido à escassez de alimento, advindo da natureza, aumentar a cada ano mais. Desta forma, pretende-se fortalecer nossa soberania alimentar.

2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

2.1 CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DO MUNICÍPIO DE MUANÁ

Muaná² é um dos doze (12) municípios que compõem o arquipélago do Marajó, conforme vemos no mapa abaixo. Localiza-se em uma área muito diversa, pois está na parte territorial que divide as duas mesorregiões, como detalharemos a seguir.

Figura 1 – Mapa com os municípios do arquipélago do Marajó.

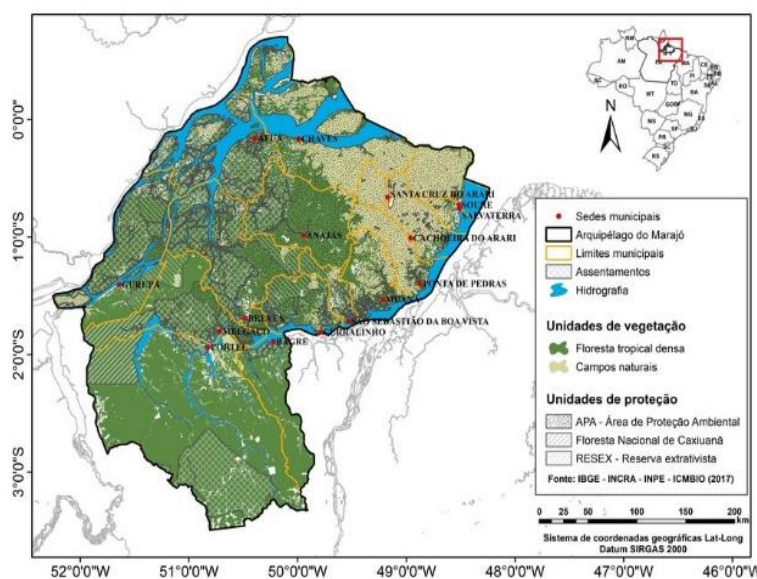
² Muaná é um vocábulo tupi, que significa semelhante à cobra.



Fonte: marajoando.blogspot.com (Paulo P. de Carvalho)

Além dos doze que estão no mapa acima, o arquipélago do Marajó é composto por mais quatro outros municípios como vemos nesta outra ilustração.

Figura 2 – Mapa ilustrando os demais municípios do Marajó.



Fonte: ResearchGate (Jefferson Souto).

O arquipélago é constituído de duas microrregiões, a dos Furos de Breves e a microrregião do Arari, sendo que Muaná localiza-se nesta última. Porém, com ambas as características: furos e campos, o que enriquece nosso município. (**Relatoria Analítico do Território do Marajó, 2012, p. 6**)

A população muanense está estimada em 40.349 habitantes, a maioria, aproximadamente 68,74%, autodeclara-se católicos e os demais se declaram evangélicos, segundo os dados do ano de 2019, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Embora sejam esses os dados divulgados pelo IBGE, observamos no dia a dia outras manifestações religiosas, como afros e pajelanças. Expressos principalmente, no respeito à mãe natureza, na realização da caça e da pesca, na forma como são guardados os dias pós-falecimento de um ente querido e outros. Muitos de nós ainda somos descendentes direto dos indígenas que aqui chegaram primeiro. (TELES, 2017, p. 31)

O município tem uma economia diversificada voltada principalmente ao extrativismo do fruto e palmito do açaí. Entretanto, há outras práticas de extrativismo muito presentes no município. Segundo Ferrão (2006 p. 84), no alto rio Atuí onde a comunidade em pesquisa está localizada, a produção é mais voltada à pecuária nas áreas de campos, embora se tenha outras produções em escalas menores nesta extensão do rio. Ressalta ainda que há uma concentração da produção extrativista no período chuvoso, onde são encontradas uma quantidade de frutas como: açaí, bacaba, cupuaçu, bacuri etc. as quais na sua maioria são nativas.

Ressaltamos também que na atualidade há um número expressivo de pescadores no município, sendo estes também, ao mesmo tempo, extrativistas e em alguns casos agricultores e outras profissões. O principal recurso pesqueiro da região é o camarão, tendo sido criado até uma festa para homenagear os pescadores deste crustáceo, o famoso Festival do Camarão. Porém, em um período do ano, se têm uma quantidade grande de peixe, conhecido como “peixe do mato³”. Encontrado no período que compreende o mês de maio a meados de outubro.

Na comunidade quase todos têm o açaí como base de suas economias. Agricultura e as criações de animais são para ajudar na manutenção alimentar da família, sendo vendido ou trocado apenas o excedente destas. O comércio de troca, apesar de pequeno, ainda funciona em nosso território. (FERRÃO, 2006, p87).

Torna-se necessário lembrarmos que já vivemos tempos áureos na agricultura, tanto em quantidade, quanto em variedades. Entretanto uma doença nos bananais e o surgimento de novos empreendimentos podem ter contribuído para o declínio das plantações. Conforme cita Ferrão em seus estudos na localidade.

³ Expressão usada para designar os peixes que sobem os rios para desovarem nas matas e campos alagados pelo período chuvoso na região.

A agricultura se expandiu até mais ou menos 1985, quando as plantações foram atacadas pelo mal do Panamá⁴, que praticamente extinguiu os bananais da região. Juntamente com o desaparecimento dos bananais, o que ainda restava do extrativismo da seringa também entrou em decadência. Nos anos 80, coincidindo com o declínio da agricultura, são instaladas as fabricas de palmito no rio Atua, demandando trabalhadores tanto nas atividades extrativistas em todo o município, quanto na produção fabril. (EUZALINA DA SILVA FERRÃO, 2006).

Mesmo diante destes acontecimentos, alguns agricultores conservam as variedades de bananais resistentes ao *fusarium* como vemos abaixo pés de banana baixota como é conhecida por nós.

Figura 3 – Banana baixota



Fonte: autor

⁴ O mal do Panamá é causado pelo fungo *Fusarium oxysporum*. As plantas infectadas exibem amarelecimentos progressivos. Pode provocar perdas de até 100%, dependendo do tipo de banana atacada.

Ressaltamos ainda, que com o avanço das pesquisas e das tecnologias, alguns agricultores da comunidade já voltam a plantar banana em pequena escala, ainda receosos do que vivenciaram com seus pais ou em suas próprias plantações. Outra dificuldade enfrentada para uma maior expansão dos plantios é as áreas que antes se cultivava banana agora se cultiva açaí. Assim, os terrenos apropriados ficam escassos para o cultivo da cultura. O sucesso no cultivo de banana tem sido apenas com a variedade BRS Tropical, enquanto temos observado a variedade tipo prata não resistiu aos terrenos historicamente contaminados pelo mal do Panamá.

2.2 CONTEXTO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE MUANÁ

Muaná é um município antigo que teve uma participação importante na luta pela independência do Brasil. Quando ainda era Freguesia de São Francisco de Paula no ano de 1823, chegaram a suas terras, vários revoltosos do Movimento da Cabanagem, que naquele momento recuavam das tropas portuguesas. Os revoltosos foram acolhidos e apoiados pelos moradores do lugar, principalmente pelo fazendeiro Tenente José Pedro de Azevedo, que reunindo mais de duzentos (200) homens e mais aqueles que haviam chegado, proclamaram a Adesão de Muaná à Independência do Brasil, às 20h30min de 28 de maio de 1823. (BARBOSA, 2001), sendo o primeiro na história do Pará a fazê-lo (BARBOSA, 2001, p, 63).

Com a notícia do levante ao governo em Belém, este enviou, no dia 02 de junho de 1823, 181 praças, com 30 artilheiros, apoiados por 04 bocas de fogo, e mais a tropa de cavalaria do capitão João da Gama Lobo, sob o comando do Major Francisco José Ribeiro. A ordem era atacar severamente os rebelados. Apesar de enfrentarem bravamente as tropas portuguesas, que chegaram à Freguesia, os tapuios⁵ foram vencidos e muitos deles presos e levados a Belém e depois até Portugal. (BARBOSA, 2001).

Em 07 de maio de 1890, Muaná foi elevado à categoria de comarca de Muaná, mantendo assim a sua denominação primitiva. (BARBOSA, 2001). Neste contexto histórico Muaná, já teve seus grandes feitos contributivos na economia de nosso estado, tanto na agricultura, quanto na pecuária como nos relata Barbosa (2001), referindo-se a grande produção na década de 1960, quando nossa ilha era o maior centro de pecuária do Pará. Na atualidade nosso município destacasse pela produção de açaí nativo e manejado o ano todo para a capital.

⁵ “Tapuios era o nome que se dava frequentemente a grupos que, além de diferenciados socialmente do Tupi, eram poucos conhecidos dos europeus.”

2.3 COMUNIDADE BOM JARDIM – ALTO RIO ATUÁ – MUANÁ – MARAJÓ – PARÁ

A comunidade Bom Jardim, está localizada no alto rio Atué, no município de Muaná, na ilha de Marajó, estado do Pará. Dista seis (06) horas de barco da sede do município e em média dez (10) horas da capital do estado. Segundo o fundador de nossa comunidade, o Sr. Honorato Correa, o rio Atué é o maior rio do município com vários afluentes e diversas comunidades distribuídas em suas margens. A maioria da população se concentra na margem direita, já que a esquerda se concentra em sua maioria em posse de grandes pecuaristas. Entretanto, a direita tem boas áreas para agricultura e, segundo os mais velhos, nunca foi bom para a pecuária nos campos existentes. Deste modo, possibilitou-se uma maior aglomeração de agricultores desde os tempos mais remotos. (HONORATO CORREA, 2022)

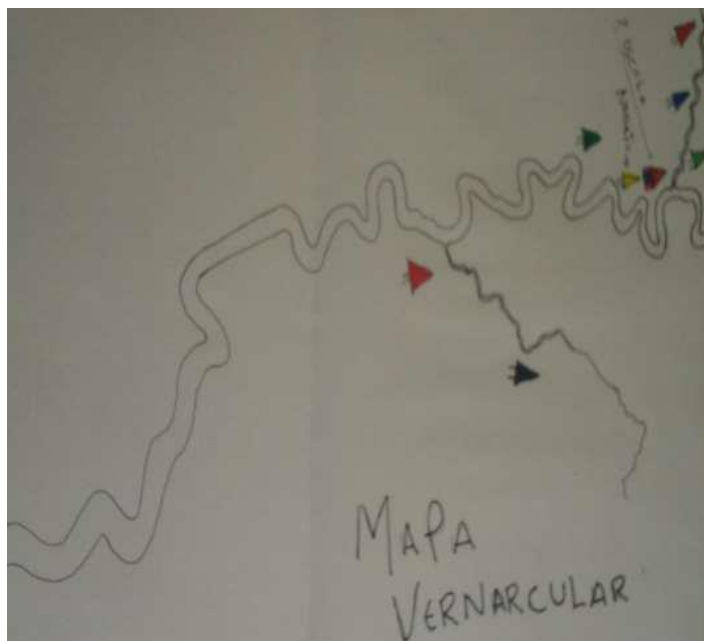
A nossa comunidade inicialmente era constituída por um pequeno grupo de agricultores e somente em agosto do ano 1975 recebe a denominação de Comunidade Eclesial de Base (CEB) Bom Jardim, fundada pelo Sr. Honorato Correa (TELES, 2017).

Todavia, a Comunidade de agricultores familiares, enfrentou diversas mudanças no decorrer dos anos, mas ainda conserva sua identidade agrícola na região. Esta é organizada mediante as ações da igreja católica, apesar de hoje existir dentro da área determinada como Bom Jardim, membros de outras religiões evangélicas. (FERRÃO, 2006, p. 54)

Na comunidade, a maioria das pessoas se declara católico, porém é fácil percebermos a grande influência de religiões de matriz africana entre as famílias, assim como, a presença da religiosidade herdada dos povos indígenas, ambas expressas principalmente através das atividades da caça, pesca, agricultura, culinária, no respeito ao meio ambiente ou aos sinais dos céus, no modo como se relacionam com a chuva, com o sol, com a lua etc.

A nossa comunidade tem se modificado aos longos dos anos, tanto no que se refere ao crescimento populacional, quanto às atividades desenvolvidas por nós. Na década de 1940 eram apenas 05 famílias habitando a área que compreende a comunidade.

Figura 4 – Croqui da comunidade Bom Jardim na década de 1950.



Fonte: Comunidade

Entre os anos de 1950 e 1985 a agricultura (banana e mandioca) era à base da economia, hoje é o açaí. Na década de 1970, o tempo de travessia da comunidade até Belém era de até 08 dias. Hoje, dificilmente o mesmo percurso chega a 10 (dez) horas de viagem. (TELES, 2016).

Figura 5 – Croqui da comunidade Bom Jardim na atualidade.



Fonte: Comunidade

A comunidade Bom Jardim originou-se de um pequeno grupo de agricultores, segundo os mais antigos. Contam também que achavam nas áreas em que roçavam pedaços de cerâmicas antigas e que seus pais diziam ser de índios. Eu mesmo andando pelas matas da comunidade encontrei uma peça que remete a uma machadinha de pedra (TELES, 2016).

Figura 6 – Machadinha de pedra



Fonte: Autor

Porém, aqueles que residem na comunidade e que afirmam serem descendentes de povos indígenas vieram de outras regiões do município. Como afirmou dona Rosa em umas de nossas entrevistas do II TC: “Minha bisavó era índia, morava no município no rio Atatá” (MARIA ROSA, 2017).

Os relatos sobre o processo de fundação da comunidade são feitos pelo Sr. Honorato que conta ter chegado ao território no ano de 1942, com 18 anos de idade para trabalhar em roçados de banana, e que neste tempo havia apenas 04 moradores no perímetro considerado hoje como área da comunidade. Segundo ele, tudo era muito difícil, mas era um lugar bom de viver e por isso constituiu família e vive até hoje na região. Narrou que o comércio mais próximo ficava a aproximadamente três horas (03) de viagem de canoa a remo. O comércio funcionava quase que 100% no regime de troca e os produtos produzidos e com valor de troca eram: seringa, farinha, milho, banana, abóbora, maxixe, melancia, arroz

e outros. Quando tinham muitos produtos, principalmente banana, levavam para Belém num barquinho a vela e às vezes boa parte amarelava na viagem estragando uma grande quantidade do fruto, porque a viagem da comunidade até Belém ultrapassava sete (07) dias, na maioria das vezes. Contou ainda que a comunidade católica foi fundada por ele, em agosto de 1975 com o nome Bom Jardim. Hoje a comunidade ainda conserva este nome, mas com um padroeiro, o Cristo Rei.

Na região os conceitos de comunidade se confundem, pois os mais velhos só ouviram este conceito com a fundação das organizações da igreja católica. Porém, eles mesmos contam que viviam em comunidades e faziam algumas atividades juntos para o bem comum. Entretanto, foi com a chegada das comunidades católicas que nosso povo passa a ter visibilidade. Segundo Ferrão (2006), “Com o aparecimento das comunidades os trabalhadores anteriormente invisíveis são claramente localizados no espaço e identificados por meio do nome de sua comunidade” Ferrão, (2006, p. 90).

É a partir desta presença da igreja que alguns direitos são conquistados, como o domínio da propriedade, a participação em organizações civis, conselhos, entre outros, através do incentivo que esta organização religiosa, que embora exerça certo domínio sobre nós, contribui para o alargamento de nossos conhecimentos.

Atualmente, as comunidades, na maioria das vezes, são as únicas organizações em algumas regiões do nosso município, que se mobilizam em torno de determinados problemas sociais. Em muitas comunidades há alguns anos foram fundadas associações de produtores rurais, como na nossa, por exemplo.

Entretanto, estas associações comunitárias foram sufocadas pelo surgimento de organizações de abrangência municipal, as associações de pesca, como nos relata um dos ex-sócios da associação de produtores rurais de nossa comunidade, em diálogo sobre a nossa organização. Roberto Ferreira nos conta que a associação foi criada por um grupo de italianos que andavam pelo município. Eles tinham um projeto de assistência a famílias de baixa renda e nas comunidades ribeirinhas eles começaram a incentivar as famílias a se organizarem em associação.

Então, eles sentiram o desejo de colocar aqui em Muaná, principalmente pra cá pro Atuí, este projeto. Eles tinham vontade que tudo desse certo. No princípio tudo deu certo enquanto eles estavam ajudando. Depois eles pensaram que associação já estava segura, e deixaram para que associação caminhasse com suas próprias pernas. O que aconteceu? Quando a associação tinha um presidente amigo de todos que levava tudo em consideração, a associação ia bem,

funcionava bonito; mas quando pegava certos presidentes que existia problemas de mau-querência: “ah, eu não gosto muito daquele camarada! Não me dou muito bem com ele, têm umas ideias diferentes”. Aí isso era um ponto que aconteceu para muitas associações acabarem aqui (ROBERTO FERREIRA, 2020).

Percebemos que a falta de gestão e compreensão do papel de cada um dentro da associação foi um dos fatores que levou a falência da associação dentro da comunidade. Mas Sr. Roberto aponta outra causa para o problema:

Outro ponto principal que levou a associação ao fim foi às associações de pescadores, porque elas visam uma questão financeira. E no caso a nossa que era de produtor rural tinha outro destino, o trabalho em comum, tudo se dividia em materiais. Já associação de pescadores, não. Começou a colocar essa facilidade de seguro, aí as pessoas acharam que pra este lado era melhor, até porque a associação de produtor não pagava seguro, não cobrava mensalidade, não dava garantia, era sem fins lucrativos. E o povo achou que não ia ser futuro. Aí foram mudando para a associação de pescador, chegando ao ponto que hoje na verdade não tem mais associação de produtores rural aqui no Atuí (ROBERTO FERREIRA, 2020).

De fato, podemos concluir que as associações de pescadores unificaram as classes rurais que não tinham trabalho de carteira assinada como “pescadores artesanais”. O Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) de nosso município faz a mesma fala sobre o esvaziamento que vem sofrendo ano pós ano no município. Questionado sobre se a comunidade tentou retomar as atividades em associação ou mesmo reestruturar a mesma ele responde:

A gente conversou várias vezes com muitas pessoas depois que tudo começou a se acabar. E o que eles diziam era isso: “Ah, não dá lucro todo tempo. É isso: a gente trabalha, trabalha, faz a farinha, vende. Se reparte é pouco, não é bom”. Aí foram se afastando, se afastando e se acabou. Hoje, na verdade, só tem essas associações aí que garante os direitos das pessoas: garante o seguro, a aposentadoria, advogado. Essas funcionam por isso, né: garante o seguro. Enquanto que a de produtor rural acabou (ROBERTO FERREIRA, 2020).

O nosso interlocutor define muito bem em sua fala as dificuldades que levaram ao fim das associações comunitárias. Talvez por esses e outros motivos à maioria dos comunitários

não visualizam a retomada da associação com bons olhos. Ela se encontra com a diretoria inativa há alguns anos e sem indícios de que seja reorganizada novamente, pelo menos nos próximos anos ou até o momento que seja de fato uma necessidade apontada pela comunidade.

Observamos que trabalhos antes feitos em grupo já não são mais constantes. Este fator está provavelmente ligado às mudanças ocorridas no território referente à economia. Até a década de 1990 a agricultura era a principal atividade econômica, principalmente o cultivo de mandioca, milho, banana, e atualmente é o açaí, o principal meio de adquirir renda. As famílias ocupam boa parte do seu tempo no preparo e manutenção de áreas de seus açazais e em outro período trabalham na colheita dos frutos. A colheita é um trabalho cansativo, o que dificulta a realização de outra tarefa na propriedade. Desta forma, são poucos que ainda buscam realizar outras atividades agrícolas.

Há também outro motivo que já perdura mais de cinco anos para uma diminuição na prática principalmente de roças de mandioca na comunidade: a invasão de búfalos e porcos nas plantações. Segundo os mais velhos, há muitos anos havia um acordo de cavalheiros entre os moradores da comunidade da margem direita do rio: “Ninguém criava animais soltos por causa dos plantios”. No entanto, este “acordo” foi quebrado e muitos moradores já pararam de fazer suas roças porque não conseguiram mais ter sucesso em suas colheitas. “Cansei de ter prejuízos”, essa é uma frase muito repetida na comunidade, quando questionamos um produtor que não faz mais farinha, por exemplo.

Ainda assim, nos autodeclaramos agricultores e, embora em menor proporção que anteriormente, cultivamos mandioca, milho, arroz, banana entre outros. Tudo em pequena escala, numa agricultura de complementação para a soberania alimentar. Criamos grandes, médios e pequenos animais que também contribui para a renda familiar. No extrativismo, além do açaí, também tiramos palmito no manejo dos açazais, caçamos para nossa alimentação, extraímos madeira para a construção de nossas casas e de pequenas embarcações, palha, cipós, talas, coletamos sementes, frutos etc.

A pesca artesanal é também praticada em nosso território, principalmente no período da “safra” do “peixe do mato”, que ocorre de maio até meados de outubro. Pescamos de tarrafa, rede de malhar, rede de lancear, anzol etc. Pescamos para nossa alimentação e apenas alguns de nós vendem ou troca o excedente na própria comunidade ou nas comunidades vizinhas.

De tudo que produzimos, o excedente é vendido ou trocado na comunidade, nas comunidades vizinhas ou na sede do município e em alguns casos, na cidade de Abaetetuba,

exceto o açaí. Como este é manejado, hoje, produz muito mais que na década de 1980 quando ainda se iniciava os primeiros manejos na comunidade e quando ainda era vendido apenas no inverno (entressafra) para os municípios acima citados. Como nos relata Roberto sobre este assunto.

Por volta do ano de 1980 quando me entendi somente o seu Honorato já tinha na comunidade um açazal manejado, onde dava muito açaí no verão, os outros moradores da comunidade não tinham como ele eram poucas árvores só mesmo ao redor da casa e aquelas do mato, porque os passarinhos iam semeando por aí. Mas, o seu Honorato não, ele limpou uma área e até plantou abeirando o rio. Quase todo mundo ia lá e pedia para ele quando acabava o da sua área, e ele dava até porque não vendia açaí no verão (safra) como agora. Naquele tempo tinha gente que dizia que ele estava ficando doido, pois, já que no verão era o período que ninguém vinha comprar açaí. Por isso, que nós só tínhamos o pasto⁶ mesmo, para poder tirar para beber. Aí quando começaram a comprar ele já estava adiantado e até hoje o maior açazal na comunidade é dele, do seu Honorato (ROBERTO FERREIRA 2020.)

O que nos é relatado por seu Roberto, aponta um marco na história da produção do açaí na comunidade e a sua comercialização, que segundo o próprio Honorato a venda no verão, ou seja, na safra que compreende entre junho e outubro, iniciou no fim da década de 1980 para o início do ano de 1990. Crescendo ano pós ano a procura pelo fruto, o que consequentemente fez com que muitos se dedicassem à preparação de áreas para o manejo de açazais, deixando desta forma, de cultivar outras culturas. Caminhando cada vez mais para um sistema de mono cultivo.

3. PROBLEMÁTICA

O aumento significativo do consumo do açaí nas últimas décadas tem incentivado os agricultores a investir no manejo e cultivo da cultura. Entretanto, outras espécies antes muito cultivadas na comunidade, sofrem ano após ano uma considerável diminuição, o que têm afetado diretamente a vida de todos na localidade, embora muitos ainda não tenham percebido.

O monocultivo do açaí tem crescido bastante na comunidade. Após o mal do panamá ter devastado os bananais, as áreas antes ocupadas pelas bananeiras agora são preparadas para o cultivo do açaí. Em alguns casos apenas é realizado a retirada de outras espécies e as

⁶ Área preparada próximo ou no entorno da casa para, com o intuito de subsidiar o consumo familiar.

palmeiras tomam conta, uma vez que constantemente já existe um banco de mudas esperando apenas a luz solar para se desenvolver.

Os altos custos para a produção de farinha em nossa comunidade e a baixa disponibilidade de mão de obra para a realização deste tão apreciado “pão de cada dia”, tem contribuído para a sua diminuição em uma escala muito acelerada. O preço da farinha importada de outros municípios do estado é baixo em relação aos custos em nossa região, o que favorece esta diminuição, já que não é possível competir com o mercado externo mecanizado. As ocupações voltadas para o cultivo e manejo de açaiuais também tem contribuído ano pós ano à fabricação deste produto indispensável em nossas mesas. Análise feita pelo agricultor Raimundo Santos em 2020. Seu Raimundo comenta, “agora é melhor fazer só pra boia mesmo, até pela nossa idade” na imagem a seguir podemos ver o agricultor com sua esposa torrando farinha.

Figura 7. Casal de agricultores descendentes de nordestinos (fazendo farinha de mandioca)



Fonte: Autor

O fim dos grandes roçados de banana e de mandioca tem favorecido para a diminuição da produção de outras culturas como milho, maxixe, abóbora, melancia, gergelim, arroz, acará, pois estes eram plantados consorciados com a banana ou mandioca. É junto com a mandioca ou com a banana que se planta um pouco de milho, se semeia um pouco de gergelim, alguns pés de abóbora, de maxixe etc. Há também umas ou duas famílias que cultivam um pouco de abacaxi.

Hoje, as famílias têm como principal fonte de renda o açai, mas como este produz por safra que se estende por mais ou menos quatro (04) meses, estes têm dificuldades

financeiras no período de entressafra. Algumas produzem um pouco de farinha para auxiliar parte do que se consome na unidade familiar. Outros ainda plantam gergelim, milho e maxixe em pequenos roçados. Alguns poucos voltaram há uns 05 anos a plantar banana, as mudas foram doadas pela Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento de Muaná (SEMAGRI).

Desde 2014 a secretaria de agricultura iniciou um trabalho de introdução de mudas de banana resistente ao *fusarium* que outrora destruiu as plantações na comunidade. Porém, em algumas áreas estas plantas não tiveram sucesso, devido provavelmente à contaminação histórica do solo, pois a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) recomenda que não se cultivasse as espécies em áreas já acometidas pela doença. Entretanto, há agricultores com plantas de banana produzindo, desde aquele ano, replantando as cultivares em suas propriedades e outros ampliando seus plantios.

Alguns obtiveram prejuízo total em suas propriedades, devido a outros problemas: “Os búfalos entraram e numa noite eles destruíram tudo! Minhas bananeiras já estavam cacheando...” (Valdemar Ferreira, 2019). Assim como nas roças de mandioca e plantios de milhos, os búfalos dão vários prejuízos aos agricultores da nossa comunidade.

Historicamente tínhamos uma comunidade agrícola e com uma produção diversificada, como nos narrou orgulhosamente o agricultor mais idoso da comunidade, senhor Honorato Correa, em nosso I TC. As mudanças ocorreram trazendo várias consequências, uma delas é a diminuição da produção agrícola, tanto em quantidade quanto em diversidades. (I TC, 2016)

Nosso território era uma potência em produção de farinha, banana e outros produtos agrícolas até a década de 1970 como nos narrou Correa. Porém a comercialização do açaí, a chegada das fabricas de palmito e a própria chegada da igreja católica incentivando os jovens ao estudo na cidade e apontado como fatores para diminuição gradual da produção agrícola na região do alto rio Atuí entre as décadas de 1970 a 1980, (SERRÃO, 2006).

Podemos de fato reafirmar o que aponta a pesquisa de Serrão, já que, quando os adolescentes terminam o ensino fundamental, eles são enviados às cidades de Muaná, Abaetetuba, Barcarena, Belém para continuarem seus estudos. Observamos ainda que são raros os que seguem em uma área voltada às ciências agrárias. Há ainda aqueles que, como eu, que mesmo formado na área não pude me reafirmar na comunidade como morador, pois não possuo terra na mesma. Muitos que saem da comunidade não voltam mais e os que voltam, é porque geralmente não se acostumaram com a vida urbana e param os estudos. Atualmente, já temos oferta de cursos superiores em Sistemas de Ensino a Distância (EAD) para os jovens cursarem, morando na comunidade.

No entanto, maioria dos membros da comunidade cuida com afinco de seus açazais manejados e plantados, pois atualmente é a maior expressão na renda local. Os que buscam manter as atividades agrícolas fazem apenas pequenas roças de mandioca para poder fazer a farinha. O monocultivo do açai ou o “monomanejo é prejudicial a todos devido a diminuição da biodiversidade, que mantém o equilíbrio ambiental e contribui para o aumento da produção do próprio açai. (QUEIROZ; MOCHIUTTI, 2012). Produzindo somente o açai, compraremos tudo o quanto mais precisamos por um preço alto.

Ultimamente em nossa comunidade, dificilmente realizamos os mutirões, talvez pelas mudanças ocorridas em relação as nossas atividades econômicas. A diminuição das grandes roças, realizadas com o intuito de comercialização dos produtos, roçados de banana entre outras atividades, não mais realizadas, o que apontam para a diminuição deste evento. Atualmente, o trabalho se dá entorno do manejo e colheita do açai, ou seja, um trabalho mais individual, que a família consegue desenvolver bem sozinha ou com a ajuda de mais uma ou duas pessoas dependendo do tamanho da área produtiva. Na colheita constantemente é realizada na modalidade de “meia”⁷, com os que fazem esta tarefa nas propriedades de outros.

Diante disto, nossa comunidade se reuniu para que pudéssemos de forma democrática fazer a escolha do tema do nosso TCC e após uma apresentação de todos os problemas levantados por nós durante os TCs. Abrimos para as discussões e depois de diversas falas, procedemos com o encaminhamento para a votação e escolha de um dos temas. Foi escolhido o tema a ‘**Diversificação da produção**’, pela maioria absoluta dos 38 membros adultos presentes na residência do Sr. Roberto Ferreira.

Nosso objetivo é poder diversificar para que tenhamos um pouco mais de produtos que necessitamos diariamente em nossas mesas. Através de trabalho de parceria e sem fazer grandes transformações na paisagem atual, a intenção é apenas acrescentar. Tanto em espécies quanto em alimentos produzidos por nós mesmos no território.

Em nossos TCs e pela nossa vivência com o grupo de pertença percebíamos a necessidade que há na comunidade de se trabalhar a diversificação da produção, pois os mais jovens sempre comentam sobre a escassez de alimentos e a diminuição cada vez mais de produtos produzidos dentro de nosso território. Entretanto, os mais velhos sempre relatam empolgados o quanto já produziram.

⁷ Meia é quando alguém colhe açai na propriedade do outro e metade do produto é de quem colhe e a outra parte do proprietário da área.

Segundo Ferrão (2006), a nossa localidade já foi em tempos passados realmente uma grande exportadora de farinha de mandioca, banana, dentre outros produtos para abastecimento da capital paraense e, além disso, essa área também é considerada propícia à criação de gado, além de pequenos animais domésticos (galinha, pato, porco, peru, galinha d'angola etc.). De acordo com Teles (2016), no que se refere à agricultura, nas décadas 1960 a 1990 eram cultivados na comunidade mandioca, macaxeira, milho, banana, abobora, maxixe, melancia, arroz, gergelim e outros, que eram comercializados nas proximidades da comunidade em uma vila industrial que ficava na época, de duas a três (02 a 03) horas de distância de canoa da comunidade. A banana e farinha que a produção era bem maior que os demais produtos, muitos agricultores comercializavam diretamente em Belém.

Porém, com o fim dos bananais acometidos pelo *Fusarium oxysporum*, houve também o desinteresse por outras culturas. A comercialização do açaí é citada como fator que também contribuiu para a diminuição significativa dos plantios de mandioca e outros tantos produtos. Embora o açaí seja hoje uma expressão na renda familiar principalmente pelo fato da comunidade poder fazer coleta do fruto na entressafra em localidades “próximas”, ainda assim se percebe que muitas pessoas vivem em condições de má qualidade de vida, principalmente no que se refere à obtenção de alimentos para satisfação nutricional. Pois apesar de se ganhar “bem” com a colheita do açaí, os trabalhadores precisam comprar quase tudo que eles necessitam para a manutenção de suas famílias. E as mercadorias, os bens de consumo nesta localidade, constantemente são bem mais caros que na sede do município.

Sofremos muito com as influências externas em nossos territórios o que possivelmente tem influenciado para mudanças que hoje já nos prejudicam de certa forma. Como nos lembra Azanha (2002), a maneira como foi disseminado entre nós o termo desenvolvimento, impondo-nos a industrialização e a exploração da natureza como sinônimo de progresso, avanço, riqueza etc. Empunhando ainda a tese de que assim estaríamos livres da pobreza. Já que comercializando nossos produtos teríamos acesso a “bens” que antes não eram presentes em nosso dia a dia, o que nos possibilitaria um “bem-estar social”.

Neste sentido, em nossa região na década de 1990 em diante iniciou-se uma grande busca por madeiras. E o lançamento da ideia de que isso faria o progresso, o desenvolvimento local. Muitos buscaram obter pequenas indústrias de beneficiamento da madeira, as serrarias, e tiraram toda a madeira que podiam e não conseguiram fazer nem suas casas, como nos fala Roberto Ferreira ao partilhar conosco sua experiência na discussão para a escolha do tema de nosso plano de ação na comunidade.

Foi uma febre na época todo mundo achava que tirando madeira ficaria rico, principalmente se tivéssemos uma serraria. Fiz parceria com um amigo e ele

veio pra cá, trouxe o material estalamos tudo e começamos a tirar madeira. E aqui é sacrificoso tirar madeira tem que fazer muita força pra jogar para a beira, tem que ter boi pra puxar e tudo mais. É uma coisa que dá muito trabalho e quase nada de dinheiro, dava mal pra comer. É só ilusão, só dá para o atravessador. E nem muito pra ele, acho que dá mais para o cara da estância. Nessa época, parei bem dizer de fazer minhas roças e pra nada nem minha casa na época consegui fazer. Foi um atraso e nada mais. (ROBERTO FERREIRA, 2019)

As colocações de Ferreira são importantes para nós em um momento que realizamos este trabalho na busca de contrapor todo este genocídio cultural que inclusive nos dispersou enquanto grupo, criou conflitos e nos “empobreceu”. Diminuiu, por exemplo, a nossa diversidade na agricultura e pecuária, devastou boa parte de nossas árvores centenárias produtoras de frutos que alimentavam a nossa fauna e conseqüentemente a nós também.

A sobreposição da ciência ao conhecimento tradicional dos povos criou no decorrer dos anos uma ideia de que não sabíamos nada, que precisávamos nos modernizar. Este conceito de superioridade do conhecimento científico discutido por Santos, Meneses e Nunes (2006), nos esclarece muito do que vivemos na atualidade em nossa comunidade, o desprezo pelos saberes tradicionais, na busca pelo saber científico ou tecnológico como epicentro para a transformação social, o que têm visivelmente nos prejudicado, destruindo nossa mãe Natureza.

A imposição da monocultura do saber, neste caso do saber científico, buscando sempre conceituar o conhecimento tradicional como algo pequeno, restrito e com aplicabilidade apenas localmente, tentando inviabilizar a dinâmica transformadora e adaptativa de nossas comunidades perante as a diversidades históricas dos tempos. Tudo isso está presente em nossa comunidade de forma oculta aos nossos olhos, somente quando conseguimos olhar com olhos de quem está de fora é que percebemos o quanto o sistema nos impõe suas ideias e o quanto colocamos em prática no dia a dia.

4 JUSTIFICATIVA

Este é um momento histórico para nós, uma vez que a própria comunidade considere importante fazer a diversificação da produção. Hoje, desejamos plantar mais frutíferas e investir em criações de pequenos animais principalmente aves (galinhas e patos). O que consideramos uma boa saída para geração de renda e o aumento de alimentos disponíveis

ao nosso grupo. Além de ser o início de um processo de reorganização social que embora distante, vislumbramos com entusiasmos. Uma vez que estávamos bem dispersos, sem essa interação para a realização de atividades em comum. Por enquanto, o trabalho em grupo ainda é uma colaboração parcial, mas necessária, para que todos possam ter sucesso em suas atividades.

Este trabalho de diversificação da produção na comunidade está se desenvolvendo através da dinâmica da troca de saberes entre nós, que nada mais é do que a troca de experiências repassadas pelos mais antigos da comunidade, no intuito de manter viva a nossa cultura, nossa tradição, para nos mantermos no território com autonomia na gestão de nossas atividades e buscando viver sempre em harmonia com a nossa mãe Natureza. Porém, produzindo de forma sustentável nossos alimentos como outrora, antes do declínio de nossa produção.

Segundo Ferrão (2006, p. 70), o esvaziamento da produção agrícola na região se deu pela chegada das fábricas de palmito. Assim como o incentivo da igreja a saída de jovens para estudar na cidade. A compra excessiva do açaí o ano todo. O mal do Panamá é outro dos importantes elementos que contribuiu para o declínio da produção agrícola em nossa localidade. Além de tudo isso, na década de 1980 houve fluxo migratório para as cidades de Muaná, Abaetetuba e Barcarena, fato que muito contribuiu também para a diminuição dos cultivos em nossa comunidade e nas comunidades vizinhas. Isso tudo de forma gradual, porém contínuo. Hoje as fábricas de palmitos já declinaram também, mas deixaram seu legado negativo em nossa região.

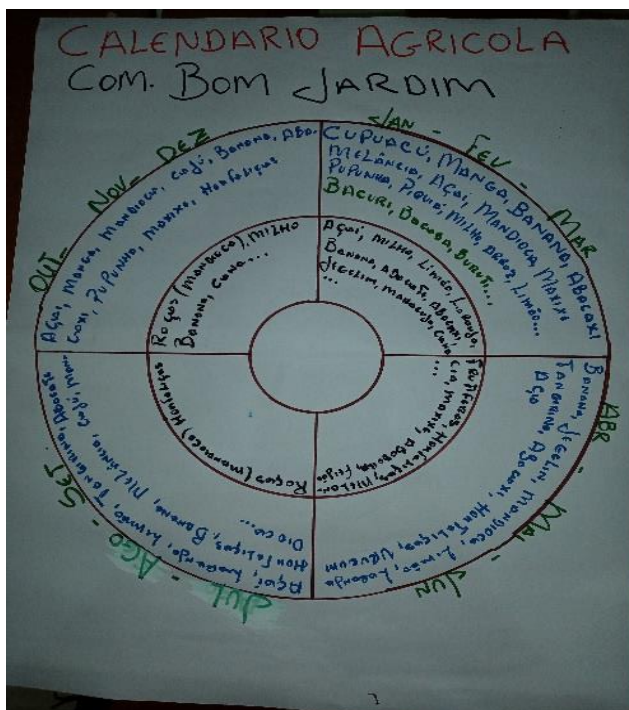
As nossas atividades referentes a nosso plano de ação serão em sua maioria desenvolvidas com mão de obra familiar, salvo algumas poucas que será combinado para serem realizadas em grupo, mutirões. Nosso objetivo manter o sistema de **quintais agroflorestais**, na verdade aumentar este sistema minimamente já existente em algumas unidades familiares. Os quintais agroflorestais são áreas de produções, distribuídas no entorno das residências, onde são cultivadas uma mistura de espécies agrícolas e florestais, além da criação de pequenos animais domésticos (galinha, patos, porcos, gatos, cachorros etc.), pode-se incluir também dentre os animais domesticados, os animais silvestres criados em casa, como paca, capivara, porco do mato, dentre outros. O quintal agroflorestal também é conhecido como: terreiro, horta familiar etc. (Dubois, 1996)

Neste tipo de sistema constantemente não há uma ordem na distribuição das plantas ou na divisão do espaço para os animais, todos utilizam a mesma área. Entre as plantas normalmente há uma grande competição por luz solar e por nutrientes no solo. Nossa participação como técnico em agropecuária neste projeto deve ser no sentido de organizar

minimante a distribuição das plantas que forem introduzidas nas áreas, para que as famílias possam obter maiores produtividades, com baixo custo e pouco trabalho. Trabalharemos sempre levando em consideração os nossos conhecimentos tradicionais, como exemplificaremos a seguir.

Em nossas discussões sobre a defesa desta temática, a diversificação da produção na comunidade, foram elencadas várias situações pelas quais creditamos que podemos melhorar nossas condições atuais através deste trabalho. Tais como: se tivermos mais frutíferas em nossos quintais, mais frutos teremos durante o ano, o que será possível tirar para o nosso alimento e ainda vender ou trocar o excesso. Pois era assim que acontecia antigamente. Porém, atualmente, sabemos que não poderemos fazer um roçado com 1500 pés de banana como outrora era feito, mas podemos plantar cinco pés que se transformaram em cinco touceiras com no mínimo três plantas cada o que será o suficiente para ter banana o ano todo em nossa propriedade, ainda que com algum intervalo. Da mesma forma as demais frutíferas que queremos e podemos plantar em nossas áreas. Conforme o nosso calendário ilustrado abaixo.

Figura 8: Calendário agrícola atua da comunidade Bom Jardim.



Fonte: comunidade

No círculo maior do calendário, estão descritas as culturas que colhemos em cada período do ano conforme os meses citados; enquanto no círculo menor estão as que

podemos plantar em cada período do ano, uma vez que algumas culturas temos a possibilidade de colher a qualquer época do ano, como a banana, por exemplo, podemos plantar apenas entre os meses de novembro a janeiro constantemente e sua colheita pode acontecer o ano todo.

O que vemos neste calendário é uma síntese do que podemos plantar baseado em um passado promissor com estas culturas acima descritas. Tanto quanto no presente já que em números pequenos ainda fazem parte de nossa produção, pois, na atualidade, apenas alguns ainda cultivam parte delas em seus quintais, porém existem propriedades com cinco frutíferas, por exemplo, laranja, banana, pupunha, cupuaçu e manga, enquanto outros têm apenas duas dos exemplos acima, ou três e em alguns casos até mais.

Entretanto, são poucas plantas de cada espécie, o que torna insuficiente a comercialização do excedente, já que na maioria das vezes não tem esta sobra, pois, até para o consumo familiar fica escasso. Podemos mudar esta realidade, já que temos onde plantar, sabemos o tempo certo para o cultivo de cada espécie, conforme informamos em nosso calendário. “Acho que o açaí nos cegou” (MARIA BARATA, 2020).

A verdade é que foi nos apresentado o cultivo e manejo de açaizais como a resolução da nossa situação financeira, porém, todos hoje temos açaizais o preço já não é tão bom, em relação à alguns anos atrás. O fato de termos deixado de cultivar outras culturas também têm favorecido para um momento difícil, pois temos que comprar quase tudo que precisamos consumir. (ROBERTO FERREIRA, 2020)

Vemos então que é hora de entramos de cabeça neste projeto para melhorar a nossa vida, pois com a **diversificação da produção**, teremos algum alimento a mais, diminuindo desta forma os gastos com alguns itens importantes no nosso dia a dia. Desta forma poderemos até vender alguma coisa (frutos) como alguns de nós já faz com a pupunha, com o limão, que amadurecem na entressafra do açaí aqui na comunidade. (FRANCISCO SILVA, 2020)

Motivos temos de sobra para investirmos nesta ideia pois não tem como dá errado, pelo contrário, tem tudo para dar certo. Izidorio Correa (2020). De fato, hoje podemos dizer que se faz necessário este trabalho na comunidade, principalmente porque o nosso grupo entende que esta iniciativa tende a trazer benefícios a todos.

Estamos trabalhando dentro de um processo para atingirmos minimamente o Etnodesenvolvimento, uma vez que considerando o conceito que diz:

Se temos a capacidade social de construir nosso futuro, levando em consideração as experiências de nossos antepassados na utilização dos recursos, projetando nossas realizações de forma autônoma e diferenciada, na busca pelo nosso desenvolvimento, podemos dizer que estamos fazendo Etnodesenvolvimento. (BATALLA. 1982. apud VERDUM, 2002).

Nosso projeto visa não só o aumento da diversificação da produção, para se ter mais o que comercializar, mas principalmente, para buscar aumentar a diversidade de alimentos ao nosso grupo e de grupos vizinhos. Como nos afirma, (GIORDANI, BEZERRA e ANJOS, 2017), sobre a importância de termos uma vida em sociedade com essa soberania, com a possibilidade de termos satisfação, e plenitude em nossos territórios, que gerem equilíbrio e conseqüentemente saúde, bem-estar.

Assim, buscando tomar as decisões em grupo, na intenção de poder produzir aquilo que se consome na comunidade, interagindo e socializando saberes e práticas em relação ao bem e bom comer, é que isso que queremos como resultado deste trabalho em nossa comunidade: diversificar a produção de alimentos para o autoconsumo e comercialização do excedente.

São muitos os exemplos de quanto às diversificações têm contribuído de forma positiva com grupos que mantêm estas práticas em seus territórios. Segundo Simão (2004) a diversificação agrícola proporciona uma possibilidade maior de instabilidade financeira a propriedade e reduz muito os riscos aos pequenos produtores. Uma vez que estes, possuindo apenas uma cultura como fonte de renda ficam muito vulneráveis às instabilidades do mercado e aos riscos edafoclimáticos. Entretanto, se uma propriedade mantém um ciclo produtivo o ano todo, isto lhe trará renda todos os meses diminuindo as chances de ter algum problema de cunho financeiro ou de subsistência familiar.

A autora apresenta desta forma as características principais da diversificação para o agricultor em si e sua família. Entretanto sabemos que a diversificação tem suas importâncias grandiosas ao meio ambiente e fauna local, ou seja, manutenção da nossa biodiversidade. Como concluir *SOUZA et al., (2015)*

A diversificação de hábitat de forma planejada com a manutenção de barreiras vegetadas, plantas espontâneas para cobertura do solo entre linhas e manutenção de jardins de plantas medicinais altera a composição de espécies locais de forma complementar, aumentando a diversidade de insetos benéficos na paisagem agrícola. A predominância de grupos distintos de inimigos naturais aumenta a diversidade funcional no ambiente o que pode

incrementar o controle biológico de pragas e outros insetos. (SOUZA et al., 2015).

Desta forma, vemos o quanto se faz necessário a diversificação tanto para um território mais rico em possibilidades e geração de alimentos, quanto na conservação biológica das espécies, permitindo o equilíbrio natural, que é fundamental para a vida.

É importante considerar também, que a diversificação contribui para o autoconsumo, como definiu *GRISA, et al.*, (2010). O fato de ter alimentos sendo produzido pelo menos para o autoconsumo já é uma grande estratégia para a manutenção familiar. O que possibilita uma qualidade de vida na propriedade. Possível imaginar o quanto aumenta a qualidade de vida de uma família que pode a qualquer tempo colher alguma fruta, hortaliça ou ainda batatas etc.

Portanto, podemos reafirmar o que os autores acima citam sobre a agricultura familiar no Brasil, que não é diferente do nosso território, onde nossas práticas agrícolas de alguma forma nos apresentam, já que através de tais práticas expressamos nossa cultura, nossa arte e nossa religiosidade, quando falamos e buscamos nos reafirmar com a diversificação da produção, estamos dizendo que queremos continuar nos apresentando desta forma, dentro dos princípios da ideia de Etnodesenvolvimento, como expomos em nossos objetivos neste trabalho.

5 OBJETIVOS

5.1 OBJETIVO GERAL

Diversificar a produção agrícola na comunidade ribeirinha Bom Jardim dentro dos princípios da ideia de Etnodesenvolvimento.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Realizar encontro com os comunitários para pensarmos a diversificação em nossas áreas;
- ✓ Adquirir mudas para o ampliarmos nossos quintais agroflorestais;
- ✓ Realizar feira de troca de sementes, mudas, animais, saberes e práticas entre às famílias da comunidade e de outras comunidades;

- ✓ Trabalhar a possibilidade de retomarmos os mutirões na comunidade, quando for necessário;
- ✓ Realizar acompanhamento técnico do processo de diversificação da produção.

6 METAS

- Uma reunião para discutirmos juntos como fazer a **diversificação de nossa produção** sem fazermos grandes mudanças em nossas áreas;
- Realizaremos compra coletiva de mudas em um viveiro da cidade de Castanhal – PA;
- Promoveremos um encontro entre os comunitários, para que façamos as entregas das mudas vindas do viveiro e para que façamos as trocas de saberes, mudas, sementes e animais. A este evento denominaremos de: **Feira de Troca**;
- Propor atividades em grupos nas propriedades para diminuir custos (mutirões);
- Realizar uma visita técnica na propriedade das vinte (20) famílias que se pretende atingir com o projeto, no primeiro ano de plantio conforme solicitação dos mesmos;

7 METODOLOGIA

A construção deste trabalho é uma proposta da comunidade que está sendo realizada aos poucos devido às diversas atividades que estes desenvolvem em suas propriedades, principalmente de manejo e coleta do açaí. Nossa principal estratégia na realização deste plano de ação é trabalhar na articulação e aplicação das habilidades e saberes de nossos pares, tanto quanto na aplicabilidade das técnicas cientificamente comprovadas, para a melhoria da produção das cultivares que serão implantadas nas áreas. Discutiremos ações que devem ser efetivadas, em nosso território, em parceria com os territórios vizinhos no intuito de realizarmos minimamente o etnodesenvolvimento em nossa localidade. Com este plano de ação esperamos envolver cada vez mais nosso coletivo de pertença na busca por melhores condições de vida e de manutenção de nossos territórios produtivos e sustentáveis.

Neste sentido, realizamos um encontro para decidir o tema o qual ocorreu na residência do Sr. Roberto Ferreira, em setembro de 2019. Posteriormente nos encontramos novamente no espaço físico da comunidade católica no dia 16 de outubro de 2019, para discutir como iremos realizar essa diversificação e com que plantas e animais. Neste segundo momento, confeccionamos um calendário agrícola e escolhemos a data para fazermos a feira

de trocas e compras de sementes, mudas e animais na comunidade. A qual ocorreu conforme combinado no dia 29 de novembro do de 2019.

7.1 REUNIÃO

Após a nossa primeira reunião para decidirmos o tema do plano de ação, marcamos um novo encontro na sede da comunidade para discutimos como iríamos realizar a diversificação. Iniciamos com uma oração motivada pelo coordenador da comunidade católica Francisco Silva. Em seguida tomei a palavra para poder atualizar a todos sobre o que tínhamos que fazer naquele momento. Pois, havia pessoas presentes que não estavam no dia que decidimos pelo tema, em discussão. Na imagem a seguir parte dos participantes exibindo um calendário da produção confeccionado com a participação de todos.

Figura 10: Comunitários exibindo o calendário agrícola atual (fig. 8).



Fonte: autor

No primeiro momento começamos a discutir como faríamos essa diversificação. Uma das propostas iniciais nossa, e que apresentei novamente, era de fazermos a introdução de frutíferas e hortaliças, sem agredirmos o meio ambiente, utilizando para isso áreas já desmatadas e aos arredores das residências. Assim também na área animal, introduzir mais espécies viáveis, sem grandes alterações em nossas propriedades.

Unanimemente todos concordaram que a diversificação deveria ser feita sem grandes alterações uma vez que ninguém estava disposto a fazer modificações em suas áreas. Neste caso nosso projeto se enquadra ao sistema **quintais agroflorestais**, onde além de plantas

frutíferas e medicinais se cultivava também espécies madeireiras e lenhosas nas proximidades da residência, além de pequenos animais, como patos, galinhas, carneiros, porcos, peru, galinha da angola entre outros. Essa é uma prática já existente na comunidade, mas não por todos e aqueles que já têm ainda podem ampliar.

Continuamos a discutir sobre o que tínhamos conhecimento que poderia ser cultivado ou criado na comunidade e o que já temos atualmente. Para dinamizar esse momento e torná-lo mais didático, começamos a construir um calendário em forma circular, colocando nele os dados mencionados por nossos pares. O que já tínhamos e o que podemos ter e o período de produção. Na parte interna colocando as cultivares que podem ser plantados na comunidade ou que já existe e no lado de fora do círculo, o período de produção (safra) de tal planta.

Nossa intenção foi mostrar a todos, que sabemos o que e como produzir. A confecção do calendário nos ajudou a visualizar melhor o potencial produtivo de nossa comunidade, pois historicamente fomos grandes produtores de farinha, banana e outros produtos.

Após todos se manifestarem e contribuírem para a elaboração do nosso calendário agrícola, procedemos com a análise minuciosa do calendário, corrigindo possíveis equívocos. Em seguida num local estratégico onde todos pudessem visualizar o trabalho elaborado, apresentei o calendário confeccionado coletivamente, ponderando a informação dada por nossos pares do quanto podemos melhorar nossa soberania alimentar, pois o ano todo poderemos ter várias opções de produções.

A banana, por exemplo, é uma das culturas que frutificam o ano todo, é fácil de cultivar e hoje contamos com as mudas resistentes ao *fusarium* difundidas pela EMBRAPA. Porém, vale ressaltar que os espaços que cultivávamos banana, hoje na sua maioria são ocupados por açaizais.

Como o objetivo acordado é diversificar o que temos sem derrubar grandes áreas para que se garanta a mais alimento em nossas mesas, apresentei aos comunitários o projeto Manejaí, que dissemina técnicas de manejo de açaizais nativos desenvolvido pela Embrapa com organizações civis marajoaras, no intuito de manejar os açaizais nativos de nossas regiões com mínimo impacto buscando manter a diversidade. (QUEIROZ E MOCHIUTTI, 2012).

Além de fazer esta troca de saberes acerca do que podemos cultivar para diversificar nossa produção, realizamos troca de experiências no cultivo de algumas plantas, onde falamos sobre o melhor solo para tal cultura, os tratamentos culturais que devem ser realizados,

“segredos” cosmológicos para que frutifique rapidamente e abundantemente. A influência da lua e os cuidados que devem ser tomados sempre em relação aos acontecimentos adversos da comunidade. Porém algumas das frutíferas que gostaríamos de cultivar em nossos solos não poderíamos obter as mudas no município e realizemos fora da ilha do Marajó, como ilustraremos a seguir.

7.2 AQUISIÇÃO DE MUDAS

Em nossa reunião sobre como e com que plantas iríamos fazer a diversificação, chegamos a uma conclusão de que não tínhamos como adquirir entre nós ou em nossa região algumas das espécies como, laranja enxertada, limão enxertado dentre outras que gostaríamos de utilizar em nosso trabalho. Pelo fato de ter realizado minha formação técnica em agropecuária em Castanhal, fiquei responsável por fazer algumas pesquisas sobre tais mudas nos viveiros da cidade acima citada.

Após verificarmos os preços e a possibilidade de algumas parcerias no transporte das mudas, entramos em contato novamente com o nosso grupo de trabalho o qual aprovaram a compra. Sendo que as mesmas chegaram à comunidade com o mesmo valor que são vendidas no viveiro, isso porque, vários parceiros aceitaram contribuir com nosso projeto como o padre Jorge Felipe, pároco da paróquia São Francisco de Paula, o proprietário do barco que faz linha para o alto rio Atué, etc. Todos foram de suma importância para que as plantas chegassem até nossa comunidade para a realização da feira. Como vemos a seguir.

Figura 10: Plantas sendo transportadas até a comunidade



Fonte: Autor

No que se refere a maneira como iremos fazer a diversificação, ficou aprovado, após várias proposições feitas em nossa reunião, do dia 16 de outubro de 2019, a realização de uma feira de trocas de mudas, sementes e pequenos animais e aquisição de algumas mudas em viveiros de outros municípios do estado. Desta forma após as mudas compradas em Castanhal procedemos com articulação e união para a realização da feira.

7.3 A FEIRA DE TROCAS

A estratégia da feira de trocas é uma alternativa que apresenta bons resultados em outros lugares do Brasil. Dentre os aspectos positivos estão o aumento significativo de conhecimentos e a integração entre os participantes favorecendo o fortalecimento de nossa cultura e a nossa permanência em nossos territórios. (LOPES *et al.*, 2013).

A feira aconteceu na comunidade Bom Jardim com a participação das comunidades vizinhas, São Benedito e Bom Jesus, no dia 29 de novembro de 2019 com início às 08h. A abertura foi conduzida pelo ministro da eucaristia de nossa comunidade com uma oração. Em seguida tomamos a palavra e explicamos aos que não estavam presentes na reunião do dia 16 de outubro de 2019; onde planejamos a feira e o objetivo deste evento.

Neste momento, as mudas já estavam expostas para apreciação e conhecimento dos comunitários. Trouxemos cana de açúcar, sementes de arroz, mudas de banana, limãozinho, tangerina, babosa e as que adquirimos fora da comunidade, como maracujá, cupuaçu, limão e laranja enxertados. Também houve famílias que levaram galinhas para realizarem a troca. Conforme vemos nas imagens abaixo.

Figura 11: Momento de retorno dos participantes da Feira de trocas



Fonte: Autor

Figura 12 e 13: Sementes e mudas utilizadas na Feira de trocas.



Fonte: Autor

Figura 14 Mudas de plantas utilizadas na Feira de trocas.



Fonte: Autor

Figura 15 Beiju de massa de mandioca oferecido no lanche da feira.



Fonte: Autor

Figura 16 Mudas sendo levadas para a feira.



Fonte: Autor

Figura 17 Troca de animais na feira.



Fonte: Autor

Figura 18 Mudas de maracujá e limão enxertado para a feira.



Fonte: Autor

Houve também a partilha de saberes, onde principalmente os mais velhos nos relataram algumas técnicas de plantio das culturas que estavam expostas para que fizéssemos a troca. Falaram, por exemplo, sobre o tipo de solo melhor para plantar, a época do ano, a lua e com que essas plantas poderiam ser consorciadas. Lembraram-se dos ensinamentos cosmológicos repassados pelos seus pais, para que as frutíferas dessem mais frutos, por exemplo: “jogar a lavagem dos peixes na planta faz com que ela dê muitos frutos”.

Em nossa feira com este bom papo sobre nossas raízes, nossas memórias, nossos saberes e vivências, não podia faltar o saboroso beiju “pé de moleque”. Este beiju de massa de mandioca foi produzido no dia anterior e ofertado para os participantes do evento por um dos grandes produtores de farinha da comunidade, o Sr. José Reis. Na oportunidade, ele nos relatou sobre suas experiências no cultivo de mandioca e na fabricação de farinha e esclareceu também que, devido a sua idade e por não achar quem queira trabalhar com ele na atividade, está trabalhando mais na fabricação desses beijus e na sua comercialização na sede do nosso município. E alertou: “se nós não plantarmos e não criarmos, vamos passar fome, pois no mato já não tem quase nada”. A preocupação do Sr. José é válida e, por isso, estamos neste trabalho com a intenção de abrir os olhos de quem ainda não percebeu este fato.

Aqueles que levaram suas mudas ou sementes, fizeram brevemente uma exposição sobre o melhor terreno a se cultivar e outras técnicas a mais de plantio. Talvez muitos dos adultos presentes já detinham esses conhecimentos, mas foi importante essa partilha pelo número elevado de jovens e adolescentes que se encontravam no evento.

Naquele momento, se partilhou um pouco sobre como os mais antigos viviam, com uma variedade maior de alimentos produzidos por eles mesmos, embora tivessem dificuldades de escoamento da produção. Hoje a situação é totalmente inversa: “Temos

facilidade para escoar, mas não temos produtos em quantidade, a não ser o açaí”, comentou Francisco Silva, uns dos grandes produtores, não em quantidade, mas, em diversidade de produtos. Muitos comentaram que parece que fomos cegados pelo açaí e pelo capitalismo que manda tudo “pronto”: “Fizeram a gente acreditar que o melhor é o que vem de fora” diz Maria Barata (agricultora, funcionária pública e estudante de pedagogia), referindo-se a grande quantidade de industrializados consumidos na comunidade. “Parece que nem sabemos produzir mais” completa ela. Foram muitas as colocações e todas muito válidas. Foi um momento de grande reflexão sobre nossa atual situação produtiva em nossos territórios.

Segundo Giordani, Bezerra e Anjos (2017), sobre a lógica do capital, que nos incentiva a acumulação de bens, em um processo de separação do homem e natureza, numa busca incessante pelo acúmulo de bens materiais. Porém, conforme a fala de nossos pares, vimos que este modelo se mostra cada vez mais prejudicial a todos nós, pois é um sistema individualista que nos leva cada vez mais ao enfraquecimento de nosso coletivo. Em nossas comunidades sempre a lógica foi o inverso, entretanto, com o passar dos anos percebemos a entrada cada vez maior do sistema capitalista entre nós, nos impondo uma relação desintegrada com a mãe natureza.

Após a realização das trocas das mudas, sementes, animais, saberes e afazeres realizamos a discussão e aprovação de um calendário de atividades do projeto. O qual se tornou o cronograma deste trabalho que veremos a seguir nas próximas páginas.

7.4 MUTIRÕES

No dia que discutimos e acertamos em nosso calendário, decidimos que faríamos o dia de campo somente do plantio do maracujá. Foi proposto também que fizéssemos um sorteio entre as diversas propriedades que irão plantar, haja vista, todos querem a atividade em suas áreas. Desta forma escrevemos em pedaços de papel o nome do responsável por cada unidade familiar e colocamos dentro de uma caixinha. Em seguida, pedimos a uma criança para tira apenas um. A propriedade sorteada foi a do casal Manuelina e Reinaldo, e acertamos que no dia 17 de dezembro de 2019, conforme tinha sido previsto no cronograma de atividades, iríamos à propriedade contemplada.

No dia marcado, Iniciamos os trabalhos às 9h com um café da manhã partilhado e em seguida, fomos ao campo para verificar a área desejada e selecionada pelos agricultores supracitados.

O local escolhido pelos proprietários já havia sido preparado anteriormente para o cultivo de cítricos e como estes, ainda estavam pequenos e com um espaçamento que permitia o consócio com o maracujá, procedemos com o trabalho na área. Inicialmente fizemos uma limpeza na área, depois esquadreamos o terreno na posição do sol nascente. Com a utilização de uma trena marcamos onde deveria ser plantada cada uma das mudas e onde deveria ficar cada estaca para fazer a base ao arame que sustentaria as plantas futuramente. Em seguida abrimos as covas tanto para as estacas como para as mudas, fixamos as estacas e logo depois esticamos os arames e realizamos o transplante das mudas. Colocamos tutores⁸ em cada uma delas. O trabalho foi realizado obedecendo aos critérios técnicos das dimensões proporcionais à cultura em questão.

Pela manhã conseguimos fixar as estacas e esticar os arames. Após esta tarefa fizemos um intervalo para o almoço e retomamos os trabalhos, reunindo os substratos orgânicos para a adubação em covas. Plantamos as mudas e finalizamos com uma troca de saberes sobre os tratamentos culturais da referida cultura. Concluímos nossas atividades por volta de 16h daquele dia.

Neste trabalho, um dos grandes ganhos que poderemos ter é a retomada de atividades em forma de mutirões. Tempos atrás, na comunidade, as atividades agrícolas e até mesmo outras, que necessitassem de um número maior de trabalhadores eram realizadas em mutirões. Aquele que necessitasse convidava antecipadamente seus vizinhos para o ajudarem a realizar a tarefa, garantindo a refeição para os participantes.

Quando se tratava das roças ou roçados, era realizado em um ciclo que permitia a todos os trabalhadores terem um mutirão em suas áreas. De forma que, todos tinham suas plantações e conseqüentemente uma boa produção com um baixo custo. E assim uns ajudavam os outros para que todos tivessem o que pleiteavam.

Dessa forma, vemos uma possibilidade de retomarmos mesmo que de forma tímida os mutirões. Começando pelo dia de campo e outras atividades, mas, que podem ser feitas nas propriedades não só com este projeto, mas com outros que a comunidade desenvolve, como limpeza de açaiçais, manejos, plantio etc. A interação que há na realização dessas atividades é muito importante para a troca de saberes e para uma maior aproximação entre todos. Infelizmente, pelo fato da pandemia do novo corona vírus, a covid19, não conseguimos nos organizar para continuarmos os mutirões, como havíamos planejado. Por isso, avaliaremos nossas atividades já realizadas durante o andamento dos trabalhos na comunidade.

⁸ Hastes que são fixadas ao lado das mudas para as conduzírem até o arame.

7.5 ACOMPANHAMENTO TÉCNICO

Nossa proposta era poder fazer uma visita em cada unidade e fazer um trabalho, junto às famílias, de adubação orgânica nas plantas. Entretanto, no período que estávamos programados a realizar este trabalho, surgiu a pandemia, considerando as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e os decretos estadual e municipal, fizemos uma reunião com os comunitários logo no início quando ainda não havia se quer casos confirmados em Belém, para informar o que estava acontecendo e quais as providências que tomaríamos para que o Projeto não parasse.

E prosseguindo, fizemos algumas recomendações básicas, de adubação orgânica que inclusive a maioria já havia feito, pois já é uma prática antiga na comunidade o uso de matérias orgânicas em decomposição para adubar frutíferas.

Desta forma, nossos trabalhos estão ocorrendo, com as restrições presenciais devido ao momento pandêmico. Porém, como há entre nós uma conectividade por meio do programa de rádio que apresento de segunda a sexta, na rádio Educativa Católica São Francisco FM 96,7, na sede do município, buscamos nos fazer presente dando dicas e tirando dúvidas gerais da nossa e das demais comunidades com informações relativas ao desenvolvimento do nosso projeto.

Das plantas adquiridas na feira apenas alguns produtores não conseguiram obter sucesso em seus plantios. Pois alguns fatores como, a entrada de animais nas áreas plantadas, e outras, referente ao clima foram relatados pelos agricultores como empecilho no andamento do cultivo das culturas. Fatos que deveremos avaliar em nossos encontros presenciais de avaliações sobre o andamento do projeto.

7.6 ENCONTROS E AVALIAÇÕES

Em um primeiro momento apenas com alguns membros do projeto avaliamos as nossas ações para diversificar a nossa produção a partir deste plano de ação. Já que ainda é muito cedo para avaliarmos os efeitos na produção em si. É um momento para avaliar também nossa caminhada como grupo que enfrenta vários problemas diariamente. Nossa intenção é discutir como continuar com nossas atividades na comunidade sejam referentes ao projeto ou novas expectativas a partir dele.

Nossa comunidade estava dispersa no que se refere a organização social, como já fora citado por Roberto Ferreira (2019), sobre a falência da associação comunitária e a migração dos membros para as entidades de pesca com endereço na sede do município. Há a necessidade de abriremos para essa discussão, embora este assunto pareça ser pauta

vencida na comunidade pela maioria. Mas visualizamos novos tempos, uma vez que já reiniciamos algumas atividades em grupo através do projeto, fizemos várias ações de forma organizada enquanto coletivo e devemos trazer presente em nossa avaliação, para que todos percebam a importância de estarmos organizados e juntos.

Entretanto, em julho ainda estava muito grande o número de contaminados pela Covid19 no município, e continuando assim até o momento atual, não fizemos o encontro, mas, realizamos algumas conversas individuais com membros do projeto, por telefone ou pessoalmente quando estes se deslocavam para sede do município. Desta forma, fomos colhendo as informações sobre os plantios e sobre a percepção dos envolvidos sobre o projeto, como destacaremos a seguir.

Em nossa comunidade poucos foram infectados pela Covid19. Porém, foi grande o trabalho de prevenção, a comunidade restringiu a entrada de pessoas de fora e também evitaram a saída de seus membros. Por este motivo, foi difícil a retomada das atividades do projeto como gostaríamos.

No que diz respeito às plantações e como estas estão se desenvolvendo nas áreas, foi mais fácil avaliarmos, uma vez que há uma interação entre os agricultores, de forma que um sempre sabe dizer sobre como estão os plantios de seu vizinho, assim conseguimos minimamente ter um *feedback* sobre o andamento do projeto na comunidade.

As mudas de maracujá, por ser uma cultura que poucos já haviam trabalhado na comunidade, percebemos que a maioria das famílias que o plantaram tiveram dificuldades de mantê-las, principalmente os que não participaram do dia de campo. Desta forma, muitas mudas foram perdidas e outras tiveram dificuldades de produção. Contudo, alguns agricultores já conseguiram obter alguma produção de seus pés. As demais plantas como limão, laranja, cupuaçu e outros estão em condições adequadas para sua idade, salvo as que tiveram algum problema com animais.

Por causa da pandemia, não realizamos a feira de troca e aquisição de novas frutíferas como pretendíamos, para inclusive completar o número de mudas desejadas por cada agricultor. Tínhamos pensado em realizar um encontro em dezembro para projetarmos nossas atividades em 2021, mas não será possível também. A maioria pediu que deixássemos passar mais a pandemia. Pois ainda havia decretos sobre restrições no município.

Diante disso, podemos dizer que estamos contentes, pois a maioria dos produtores está animada para continuar a trabalhar na diversificação de suas produções devido os resultados positivos e experiências pretéritas de uma produção agrícola mais diversificada.

Inicialmente pretendíamos trabalhar com 20 famílias, mas estamos com apenas 12 famílias que demonstram interesse nas ações do projeto. Algumas falas que reafirmam o que citamos acima. “Esse projeto é muito bom pra nós, ainda vai ser melhor, tem gente que só vai se juntar a nós quando ver os resultados” essa foi a fala de seu Francisco referente ao andamento do projeto a sua avaliação.

De fato, ele tem razão nosso povo anda um pouco desacreditado destes trabalhos em grupo por outras situações passadas. “Esse trabalho vai nos ajudar muito, mas essa pandemia veio estragar, acho que todos que tão envolvido vão ter uma produção melhor, acho que esse incentivo é muito bom” essa é a avaliação do Sr. Paulo Maia, que avalia a pandemia como um ponto negativo dentro do projeto, mas acredita que as coisas irão melhorar. Esse é mais um agricultor que sabe que terá suas recompensas deste trabalho, pois, estão apenas no começo de um trabalho que tende a nos dar bons frutos literalmente.

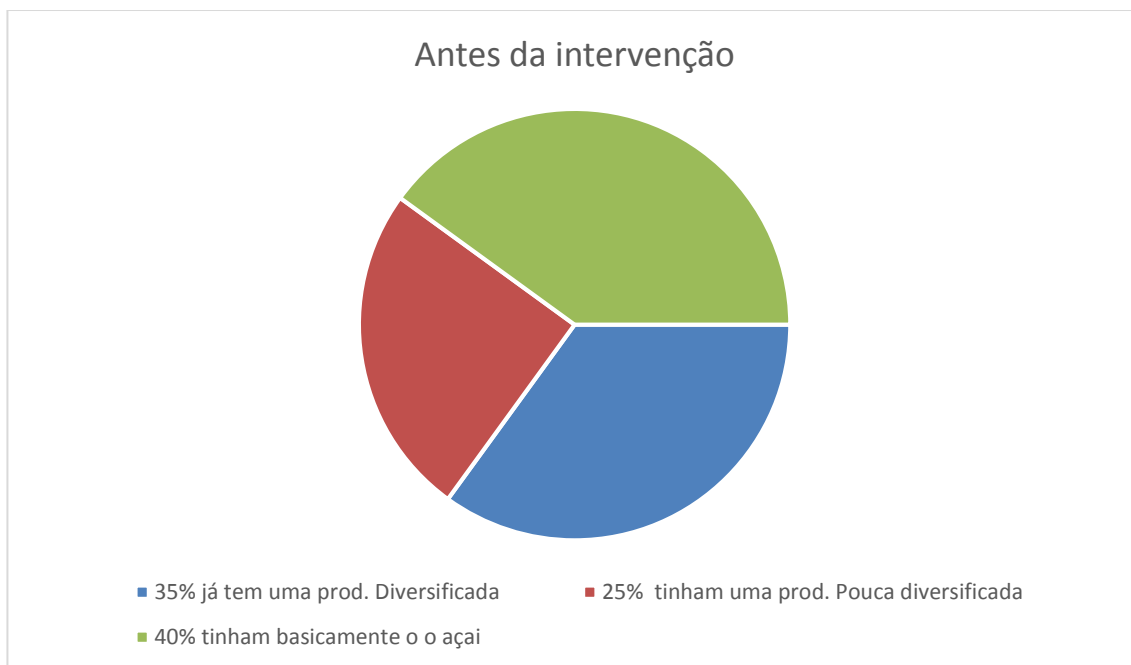
Ainda sobre a avaliação, o Sr. Roberto, afirmou: “agora é difícil avaliar o quanto vai ser bom esse projeto, mas só o fato de já ter despertado na gente esse olhar sobre a importância da gente diversificar já é uma grande coisa”. De fato, o seu Roberto está certo, não é só o que faremos na prática que será importante, mas o que conseguirmos despertar em cada um, também é muito indispensável, aliás, podemos dizer, é o mais extraordinário. O Sr. José disse: “Não penso em mim, mas penso nesses jovens: se não plantarem, o que vai ser deles?” Nosso interlocutor é um agricultor aposentado e a preocupação dele com a juventude, é também a nossa e de tantos outros na comunidade. Com a troca de saberes estamos buscando fazer essa conectividade com os mais jovens na construção de pensamentos mais comprometidos com nossa realidade e nosso meio ambiente.

Portanto, embora as coisas não tenham acontecido como planejávamos, podemos dizer que, além das outras sementes semeadas, a esperança é uma das que mais esperamos germinar, nos dando frutos de organização, lutas, comprometimento e companheirismo. Neste sentido, queremos contribuir com a comunidade com percepções cada vez mais críticas sobre nossas ações e nossas vivências em nossa localidade. No intuito de sabermos o que estamos fazendo, o que queremos e como conquistaremos nossos objetivos; queremos mostrar aos nossos pares com clareza, que juntos podemos chegar mais depressa aos nossos objetivos.

7.7 PROJEÇÕES

Neste primeiro gráfico, expomos os dados aproximados de como é atualmente as áreas dentro comunidade, com base em nossa vivência e nosso trabalho de assistência técnica que prestamos na comunidade entre os anos de 2015 e 2018 pela SEMAGRI.

Figura 19: Gráfico com dados aproximados da situação atual das áreas da comunidade Bom Jardim



Fonte: Autor

Neste segundo gráfico, mostramos o que esperamos que aconteça na comunidade em um médio e longo prazo. Esta projeção está baseada nos 20 estabelecimentos agropecuários que estão dispostos a intervir para diversificar suas produções. Muitas destas famílias já iniciaram este processo através da aquisição de mudas e de pequenos animais, que outrora não tinham na propriedade.

Figura 20: Gráfico com projeções futuras

Encontro com a comunidade e comunidades vizinha para discutir como diversificar.			X									
Aquisição e produção de mudas, sementes e animais.			X	X								
Feira de trocas e compras de sementes, mudas e animais.				X								
Mutirões (trocas de trabalho nas propriedades)					X							
Acompanhamento Técnico								X	X			
Encontros para discutir e avaliar as atividades desenvolvidas.										X	X	

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto que estamos construindo é uma ação coletiva de troca de saberes tradicionais e técnicos na busca por melhorias de desenvolvimento local a partir da diversificação da produção agrícola, mediante aos nossos conhecimentos tradicionais e também com base em experiências de outros grupos mencionados neste, relatadas por alguns autores, no intuito de praticarmos o que discutimos no curso de etnodesenvolvimento. Dialogamos sobre nossos deveres e a importância de cada um de nós podermos contribuir com nossos grupos, nas diversas lutas por nossa permanência autônoma em nossos territórios.

Embora seja cedo para discutir os avanços com este trabalho, podemos, no entanto, dizer que este é o momento de nos organizarmos minimamente para conseguirmos realizar a aquisição de mudas e fazer algumas outras mudas, para a realização da nossa feira, um

mutirão de plantio etc. Diante de como estávamos dispersos podemos dizer que tudo isso foi avanço, para o nosso grupo.

No que tange o tema em discussão, nosso trabalho avança no sentido de dar voz aos mais velhos em uma comunidade tradicional. Quando confeccionamos o calendário agrícola da comunidade percebemos o quanto fora importante todo o conhecimento acumulado deles, referente ao nosso território, aos territórios vizinhos, sobre nossos solos, sobre as nossas áreas de matas, sobre o nosso rio e igarapés.

Desta forma, este projeto ajudou a disseminar conhecimento, diversificar atores participantes, impulsionar relações e cooperativismo.

Neste sentido, esperamos que nosso projeto possa de fato trazer alguma contribuição para a melhoria da qualidade de vida e da organização da nossa comunidade. Com o projeto de diversificar nossa produção, estamos também entrando aos poucos na seara da articulação entre nós no sentido de percebermos a importância de estarmos juntos para lutarmos pelo que queremos e necessitamos. Buscamos ainda, deixar transparecer em nossas conversas e reuniões, que precisamos nos organizar como grupo para termos mais força e visibilidade.

Portanto, nossa missão como membro desta comunidade de agricultores ribeirinhos do alto rio Atua é maior no sentido de contribuir nas discussões e articulações políticas. Há décadas temos sido tratados como nulos referente às decisões do que devia ser implantado na comunidade. Projetos sempre foram pensados entre quatro paredes e encaminhados para a nossa região.

Porém, hoje, nosso trabalho, embora seja de “formiguinha”, estamos trabalhando no sentido de tornar visível a todos que somos nós que devemos decidir o que vem para o nosso território. Nossa missão a partir da visão do curso de etnodesenvolvimento é deixar claro que somos nós os autores principais de nossa história, e que deve ser com a nossa participação ativa e contínua, que faremos as transformações minimamente necessárias acontecerem em nossos territórios.

Hoje, temos a clareza de que muito precisamos aprender para viver melhor nesse país, mas já temos a clareza das ideias desenvolvimentistas presente entre nós, imposta pelo capital. De forma que podemos discutir ações que nos ajudem a caminhar na contramão do sistema, na luta pela autonomia no território e pela igualdade de direitos. Sabemos que ainda temos muito para realizar com este trabalho e muito mais através dele, pois estamos no início de uma longa e duradoura caminhada.

10 REFERÊNCIAS

AZANHA, Gilberto. Relatório de Trabalho. CTI – Centro de Trabalho Indigenista. São Paulo 2002.

BARBOSA, José Maria Azevedo, **Muaná uma gota do Mundo em Marajó!** Editora Alves - Belém, 2001.

BARBOSA, Maria José de Souza. **Relatoria Analítico do Território do Marajó**, Belém: 2012.

DUBOIS, Jean Clement Laurent. **Manual agroflorestal para a Amazônia**. Rio de Janeiro: Rebraf, 1996. v. 1.

FERRAO, Euzalina da Silva, **Desenvolvimento sustentável, organização e reorganização de trabalhadores rurais do alto rio Atua na Ilha de Marajó: exame de uma experiência / orientadora, Diana Antonaz. – 2006 Dissertacao (Mestrado) - Universidade Federal do Para, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pos-Graduacao em Ciências Sociais, Belem, 2006.**

GIORDANI, Rubia Carla Formighieri; BEZERRA, Islandia; ANJOS, Mônica de Caldas Rosa. **Semeando Agroecologia e colhendo nutrição: rumo ao bem e bom comer**. IN: SAMBUICHI, Regina Helena Rosa, et al. (orgs.). A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável. Brasília: IPEA, 2017. 463 p.

GRISA, Catia; GAZOLLA, Márcio; SCHNEIDER, Sergio. **A “produção invisível” na agricultura familiar: autoconsumo, segurança alimentar e políticas públicas de desenvolvimento rural**. Agroalimentaria, v. 16, 2010.

IBGE, Disponível em: www.cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/muana/panorama. acesso em: 20/10/2009.

LIMA, Antonio Carlos de Souza; HOFFMANN, Maria Barroso, **Etnodesenvolvimento e Políticas públicas – Base para nova política indigenista**. Editora Contra capa – Rio de Janeiro / Livraria Cultura. 2002.

LIMA, José Maria, **Muaná uma breve história**, Editora (Produção artesanal) - Belém, 2005.

LOPES, Leandro de S.1; CONTE, Guilherme M.2; CRUZ, Nina A. C.3; CARDOSO, Irene M.a.4.; AMORIM JR., Paulo C. G5. **Troca de saberes: vivenciando metodologias participativas para a construção dos saberes agroecológicos** - Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia – Porto Alegre/RS – 25 a 28/11/2013.

LOPES, Rhuan dos Santos; FARIA, Eliane da Silva Sousa. Nos tempos da comunidade: **Interculturalidade Pedagógica nos Quilombos de Salvaterra**, Marajó (PA).

OLIVEIRA, Assis da Costa; BELTRÃO, Jane Felipe. **Etnodesenvolvimento & Universidade: formação acadêmica para povos indígenas e comunidades tradicionais**. Belém: Editora Santa Cruz, 2015.

QUEIROZ, José Antonio Leite; MOCHIUTTI, Silas. **Guia prático de manejo de açais para produção de frutos**. 2. ed. rev. amp. Macapá: Embrapa Amapá, 2012. 36 p.

ResearchGate.net, Disponível em: www.researchgate/figura.app.goo.gl, acesso em: 10/12/2021.

SOUZA, Lucas M.1, Harterreiten-Souza, Erica S.2, Santos, João Paulo C.R.31, Pires, Carmen S.S.1, Sujii, Edison R1. **Técnicas de diversificação da vegetação aumentam a diversidade**

de inimigos naturais na paisagem agrícola. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Vol 10, Nº 3 de 2015.

SIMÃO, Ana Adalgisa, **Diversificação como Alternativa para o desenvolvimento da agropecuária familiar** – Sul Mineira / Lavras: UFLA 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula G. e NUNES João Arriscado. Hiléia: **Revista de Direito Ambiental da Amazônia.** ano 4, n.º 6. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura / Universidade do Estado do Amazonas, 2006.

TELES, Jovanildo do Socorro Ferreira, **I Tempo comunidade** / orientador Gustavo Goulart – curso de Etnodesenvolvimento (graduação) – Universidade Federal do Pará – campus Soure/Altamira, comunidade Bom Jardim – alto rio Atua – Muaná – Marajó – Pará, 2017).

_____, Jovanildo do Socorro Ferreira, **II Tempo comunidade** /orientador Gustavo Goulart – curso de Etnodesenvolvimento (graduação) – Universidade Federal do Pará – campus Soure/Altamira, comunidade Bom Jardim – alto rio Atua – Muaná – Marajó – Pará, 2017).

VERDUM, R. Etnodesenvolvimento e mecanismos de fomento do desenvolvimento dos povos indígenas: a contribuição do subprograma Projetos Demonstrativos. (PDA). In: LIMA, A. C. S. e Barroso-Hoffmann, m. (org.). **Etnodesenvolvimento e políticas públicas:** bases para uma nova política indigenista. Rio de Janeiro: Contacapa/LACED, 2002.

Fontes orais: Entrevistas

Honorato Correa - Fundador da comunidade e agricultor aposentado, 2022

Maria Rosa - Descendente direta de povos indígena, 2017

Roberto Ferreira - Agricultor e liderança comunitária, 2020

Raimundo Santos - Agricultor aposentado, 2020

Valdemar Ferreira - Agricultor, 2019

Maria Barata - Agricultora e liderança comunitária, 2020

Francisco Silva - Agricultor e coordenador da comunidade, 2020

Izidorio Correa - Agricultor e liderança comunitária, 2020